



Comer bem como experiência de encantamento

Eat as well as enchantment experience

Comer bien como la experiencia de encantamiento

Marcelo José Derzi Moraes¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

RESUMO

Esse texto trata do comer enquanto uma questão filosófica. Vamos falar de vários espaços e práticas do comer enquanto possibilidade de pensar uma outra ética. Considerando a desconstrução da colonialidade, entendendo que existe uma fome que é produzida pela lógica do capital, vamos pensar o comer bem como uma experiência de liberdade que é regida pela força dos encantamentos.

Palavras-chave: Comer; Liberdade; Fome; Encantamento.

ABSTRACT

This text deals with eating as a philosophical question. We are going to talk about various spaces and practices of eating as a possibility of thinking about another ethic. Considering the deconstruction of coloniality, understanding that there is a hunger that is produced by logic of capital, let's think of eat well as an experience of freedom that is governed by the strength of enchantments.

Keywords: Eat; Freedom; Hunger; Enchantments.

RESUMEN

Este texto trata de el comer como una cuestión filosófica. Vamos a hablar de diversos espacios y prácticas de el comer como posibilidad de pensar en otra ética. Considerando la deconstrucción de la colonialidad, entendiendo que hay un hambre que se produce por la lógica del capital, pensemos en comer bien como una experiencia de libertad que se rige por la fuerza de los encantamientos.

Palabras clave: Comer; Libertad; Hambre; Encantamientos.

¹ Doutor em Filosofia pela UERJ. Professor Adjunto do Departamento de Educação da FFP/UERJ e do Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e saúde Coletiva-PPGBIOS. Coordenador do Grupo de Pesquisa do CNPQ GENTE da UERJ. <https://orcid.org/0000-0003-0086-5314> Correio eletrônico: marcelojdmoraes@hotmail.com.



O comer está sob o desígnio do deus, e só um louco queixa-se disso.
Ptah-Hotep

Um alimento que mal é ingerido imediatamente é “devolvido”, não aproveita nem dá força ao corpo.
Sêneca

Nas terras pobres e famintas do Nordeste brasileiro, onde nasci, é hábito servir-se um pedacinho de carne seca com um prato bem cheio de farofa. O suficiente de carne – quase um nada – para dar gosto e cheiro a toda uma montanha de farofa feita de farinha de mandioca, escaldada com sal. Foi, talvez, por força do hábito da minha terra que resolvi servir ao leitor deste livro muita farofa com pouca carne.
Josué de Castro

Padê

Esse texto é inspirado pelo ensaio “É preciso comer bem ou o cálculo do sujeito” de Jacques Derrida². Dentro de um contexto mundial-global-colonial, a fome é um projeto geopolítico inventado e mantido pelo Ocidente. Por esse motivo, em nome dos grandes mestres que combateram a fome, Josué, Betinho entre outros, vamos tentar, nessa oferenda, presentear, muito mais carne do que farofa, mas, também, frutas, doces e bebidas. E tal como o padê que se oferece a Exu para iniciar os trabalhos, essa farofa vem temperada com dendê, para esquentar, vindo acompanhada de marafo e toco na encruzilhada, para que Exu não coma tudo, mas que divida com seus irmãos. E, assim, possamos comer bem. Até porque palavra de rei não volta atrás.

Se a fome é um projeto político, a luta contra a fome é uma experiência existencial de liberdade, que só é alcançada comendo bem, e com todo mundo comendo junto. Essa experiência nós chamamos de encantamento. Quando se é criança e passa-se fome, essa situação, violenta, pode vir a se manifestar de muitas maneiras quando se é adulto. Mas, quando se está envelhecendo passando fome, essa seria uma outra forma de violência que herdaremos daqueles que já se foram. Não estamos pensando aqui exatamente em termos de trauma, mas no sentido mesmo de aberturas e impedimentos que podem surgir na relação com o comer. Estamos pensando numa questão, na qual o comer, a comida, o preparo da comida, o dar de comer, o ato mesmo de comer, seja ele sozinho ou em grupo, comendo sério ou

² Dedico esse texto aos amigos e amigas e todos que conseguiram potencializar a vida a partir da experiência da fome, que entenderam é preciso comer bem.

comendo brincando, reproduza uma potência do sagrado. Porém, um sagrado sem sacralidade, se isso for possível. Mas, na verdade, o que gostaríamos de falar é sobre um encantamento. Sabendo da impossibilidade de um sagrado que não esteja conectado à moral ou à religião, muito menos ao jurídico ou ao político; entendendo que um sagrado sem sacralidade não dá conta do que queremos, pois ainda vai estar preso às categorias metafísicas de base cristã; a partir de agora, vamos pensar esse sagrado enquanto encantamento. Já que dificilmente conseguiríamos libertar o sagrado do profano; já que não gostaríamos de opor o sagrado ao profano; pelo contrário, entendemos que o sagrado e o profano se contaminam, fazem parte da mesma lógica, da mesma relação, do mesmo tempero, se potencializam e nos conduzem a pensar que é justo sempre comer bem, seja na gula, ou seja na temperança, seja no bem ou no mal. Decidimos, então, por esse motivo, usar o encantamento ao sagrado, uma vez que o encantamento não se permite capturar por essa dualidade entre o sagrado e o profano. Entendendo que esse encantamento transborda as dicotomias clássicas, os limites institucionais e produz uma possibilidade, como diz Rafael Haddock-Lobo, da democratização do encantamento. O encantamento pode estar em todos os lugares e em todas as pessoas e pode até escapar de ser capturado pela lógica da moralidade. Assim, pensamos um sentido de que comer, muito mais que alimentar o espírito ou o corpo, alimenta a vida. E, por vida, entendemos experiências de liberdade, sendo o comer, o poder comer, o poder dar de comer, portanto, práticas que possibilitam a liberdade enquanto encantamento.

Nós nos afastamos dessa abordagem cristã porque, na relação entre sagrado e profano, existe sempre o espectro do pecado. O pecado enquanto espectro ocidental, que assombra as relações humanas e não-humanas ainda hoje, recalca e reprime, transformando em peso vidas de homens e mulheres por meio da culpa, esse outro grande espectro que pesa e de que é difícil de se libertar. A culpa cristã, que se manifesta no comer, na forma da gula ou no comer o que não se deve, tem suas origens no pecado original, que faz que, principalmente, as mulheres carreguem a partir de Eva, o peso de ter comido o que não devia, a saber, o fruto proibido. Além, é claro, de ter seduzido Adão fazendo-o comer do tal fruto. Diante disso, surge toda uma lógica do pecado que irá regular o comer. Uma lógica na qual deve-se estar atento ao que se come e ao quanto se come. Assim, inicia-se a base de



fundamento do que pode ser entendido como uma base ética do comer. Essa ética, no entanto, é regulada e condicionada a partir do como comer. Porém, talvez, essa ética não seja uma ética do comer bem enquanto liberdade, enquanto encantamento, visto que impõe condições aos envolvidos no ato de comer.

No entanto, as bases de fundamento do Ocidente são sempre da ordem da escolha entre suas heranças helênicas ou abraâmicas, para que possa sustentar suas ações. Por exemplo, se Eva foi escolhida como a base do que não se deve comer, deixou-se de lado o mito grego de Perséfone que foi raptada e induzida por Hades a comer um outro fruto proibido; dessa vez a romã. Perséfone que pode ser considerada a deusa da agricultura, da alimentação, o que explica a mudança das estações, fora condenada por um golpe de Hades a ser a guardiã do submundo. Diante disso, se nos legaram a herança do suposto pecado original de Eva; por outro lado, nos fizeram esquecer que foi por um movimento de violência cometido a Perséfone por parte de Hades que fomos condenados aos invernos mais frios, com os campos inférteis e a produção de alimento escassa. Portanto, essa poderia ser uma outra história para pensarmos a ética do comer bem.

O alimentar-se que acompanha tanto o divino quanto o humano constitui essa lógica da ética do comer. Porém, é importante deslocar a questão para o animal, do animal. É preciso reconhecer e assumir que estamos sempre antropocentrando nossas questões. Nesse sentido, toda nossa moral no que diz respeito ao comer é antropocêntrica. Em primeiro lugar, estamos sempre limitando o comer ao homem, pensando o animal somente como alimento, esquecendo que esse animal também se alimenta, que está sempre comendo, que precisa comer. Sobre essa questão, acerca do animal, Adriano Negris, em “Pode o animal falar?” desloca toda essa hierarquia na qual o pensamento ocidental coloca o animal em segundo plano. A partir disso, Adriano levanta muitas questões que poderiam surgir a partir de um pensamento não-antropocêntrico. Assim, compreendendo que a relação de alteridade do comer passa por todas essas situações, cabe reforçar que, talvez, o alimentar-se seja o primeiro sentido de alteridade entre aqueles que comem, no caso, mamam. Os animais ditos sem razão e sem linguagem são definidos por ter ou não *logos*, a partir daqueles que continuam mamando, tomando leite na fase adulta. O mamar, enquanto uma relação de ligação, de conexão com o outro, transmite o alimento e o afeto, criando um forte sentido em

quem mama e em quem dá de mamar. Nesse sentido, come quem mama, e quem dá de comer, talvez, nem sempre imponha condição.

É preciso entender como essas fomes surgem, de onde parte esse desejo de comer, de ser comido, de devorar, de engolir tudo. Saturno devora seus filhos; Prometeu escamoteia a comida visando comer bem; Erisícton nunca se sacia; Exu come tudo, não deixando nada para os homens. Os mitos nos fazem pensar a ética do comer. A mitologia ética do alimentar-se nos espectra, sempre pensando as heranças do comer. A ética do comer na mitologia produz um sentido de que é preciso alimentar-se, mas nos ensina que é possível comer bem ou comer mal, que se partilha ao se sentar na mesa ou no chão, que se partilha o pão, a ceia, o cabrito, o fogo, a bebida. Por mais que, muitas vezes, quando já não existe mais aquele amor tão profundo, escutando Roberto Ribeiro, o melhor que a gente faz é dividir nosso mundo; pois só restam as esperanças que não cabem na partilha; no seu rosto o pó de arroz, no meu peito a cruz de malta.

1. A ética do comer bem

A ética do comer bem é uma ética do grupo, da matilha, dos amigos, da política, da fé e da liberdade. Talvez, seja por essa razão que os mitos sempre retornam para espectralizar aquilo que muitas vezes o humano condiciona em normalidade ou moralidade, e esquece seu caráter místico, encantado. Então, comer bem é da ordem do encantamento, não pela sua dimensão espiritual ou religiosa, mas porque comer bem é parte de um ritual, de um valor que não passa pelo julgamento moral, e, sim, pelo sentido de que é preciso viver bem. No entanto, como comer bem quando a fome é um projeto político?

A lógica do comer bem, que convoca muitos sentidos do humano, tem no escutar um movimento muito curioso. Quando se escuta a panela apitar, quando se escuta o garfo bater no prato, quando se escuta a água ferver, enfim, escutar e comer estão muito próximos. Como, por exemplo, a escuta da fome, do estômago vazio. Em tempo que todo mundo quer falar e ninguém se escuta, a escuta da fome se abafa em nome de fazer o outro escutar outras vozes famintas que sentem fome de outras coisas. Juntamente com os gritos de fome vindos do



estômago, ecoam, também, as vozes desses famintos. O que é pensar a escuta dos famintos? Daqueles que sofrem com a fome? Falamos aqui daqueles que sofrem com a fome de comida. Mas poderíamos pensar naqueles que sofrem com a fome de justiça. O que é escutar a partir desse lugar, do lugar de quem tem fome? O que é escutar de fora essas vozes? Spivak pergunta se “Pode o subalterno falar”? Talvez, poderíamos perguntar, “pode o faminto falar”? O que é a fala daqueles que morrem de fome?

Pensando na questão da relação do humano com o animal, no contexto da fome, se, por um lado, o Freud de “O homem dos ratos”, que já foi superado, em certa medida, mas sempre retorna pela questão do simbólico, por mais que narre uma violência e que se mantenha de certa maneira, muitos são aqueles que lutam diariamente contra os animais peçonhentos, inclusive, os ratos, para ter o que comer. No entanto, aqueles que lutam contra ratos reais, não terão tempo de serem assombrados em seus sonhos. Porque o sono de quem passa fome é o sono da vigília, não se entregando totalmente aos braços de Morfeu. Na lógica do passo, do passar, quando se passa fome, um simples passar delicado de um rato é detectado, e a relação se modifica, e nos tornamos uma ameaça a esse estrangeiro indesejado. Mas, lembrando da máxima do Joãozinho Trinta, de que a gente esquece quando entra na universidade, de que quem gosta de pobreza é sociólogo, pobre gosta é de luxo. Por esse motivo, não estamos buscando traumas seguindo os traços freudianos, mas, também, não queremos pensar uma estética da fome. A única questão é pensar que comer e lutar para comer são da ordem de viver bem. Portanto, uma questão política. Nesse sentido, se voltarmos a Estamira, aquela filósofa tida como louca que resistia no Lixão do Jardim Gramacho no Rio de Janeiro, por mais inumano que fosse, por mais violento que fosse a condição em que ela era levada, ela conseguia quebrar a lógica moral colonial que herdamos por violência, e que não conseguimos abandonar. Assim, precisamos criar uma possibilidade de resistência e de ética do comer bem, no momento em que todos teriam nojo. A questão aqui é como resistir às práticas constantes de desumanização e não julgar moralmente os movimentos de deslocamentos e resistências a essas desumanizações sem o crivo da moral ocidental. Não é sem motivo que, preocupado com as críticas, Paulo Freire, em “Educadores de Rua”, alerta para a moralidade burguesa muitas vezes entranhada em discursos progressistas e humanistas. Talvez, o movimento mais interessante seria rever essa cena da

desumanização, uma vez que, na esteira de Freire e de Césaire, podemos dizer que não-humanos, monstros e todas as categorias e práticas de desumanização são aquelas que são criadas pelos que se dizem demasiadamente humanos. Na verdade, esses demasiados humanos são os verdadeiros não-humanos, os verdadeiros monstros. Sobre essa questão, a filósofa Dirce Solis promove um poderoso movimento de desconstrução do binarismo humano e não-humano, humano e inumano. Mariane Biteti, por sua vez, reforça sobre entendermos esses movimentos de sobrevivência como modos de margear, que consiste em primeiro lugar desfazer a lógica dominante de pensarmos e relacionarmos espacialidades e vivências a partir da paisagem de centro e periferia considerando, sobretudo, a lógica da escalaridade.

Procuramos evitar operar filosoficamente com categorias fechadas. Não nos preocupamos com o princípio de identidade e de não-contradição, tentamos deslocar hierarquias dicotômicas, desfazer relações oposicionais. Estamos comendo considerando o elemento desconstrutor, que abre os conceitos, as interpretações, os jogos, as invenções para múltiplas possibilidades, que se contradizem, que se renovam, que permitem outras conexões, uma desconstrução da colonialidade que se reproduz no comer. Uma vez que não iremos operar com dicotomias hierarquizadas que se excluem e diminuem, considerando que se deve estar aberto ao outro, ao que chega, devemos, também, esperar aquele outro que não é bem-vindo. Estar aberto ao outro é quase uma questão de responsabilidade, entendendo que comer o que é do outro, enquanto comer bem, só é possível quando esse outro não impede a liberdade daquele que dá. Muito mais que uma questão fisiológica, insistimos que para comer bem esse texto, para ter a experiência de comer bem enquanto uma experiência filosófica da liberdade, é essencial conhecer nossos temperos, senão, sem conhecer, seja pelo conteúdo filosófico ou pela vivência, pode perder muito do sabor desse texto, tornando o texto amargo ou difícil de engolir. Assim, vamos aos pouquinhos abrindo o apetite, provocando o desejo de comer. Lembrando sempre, que muitas vezes, para comer, tem que conquistar, tem que merecer, tem que fazer valer. Comer bem é comer bem respeitando o que se come.

Para não haver indigestão e poder saborear cada alimento que aparece nesse texto, é preciso saber que quando se come, às vezes, se come aos pouquinhos, beliscando, comendo



demorado. Um desses sabores que para sentir tem que se demorar na degustação, surge em relação ao por. Vamos experimentar algumas receitas, assim, usaremos o por sem decidir entre suas substâncias químicas verbais ou condicionamentos preposicionados. Retiramos da nossa receita, deixamos de lado o tempero causado pelo acento circunflexo, para também não assumir a violência da língua, para marcar uma liberdade do texto, da escrita. Não iremos condicionar o outro ao sabor que queremos dar àquele que come. Por uma ética do receber, deixemos que o outro encontre o seu sabor. Não queremos decidir pela preposição ou pelo verbo. Então, cabe ao outro decidir pelo tempero que vai usar quando ler, se quer pensar com o verbo ou se quer decidir pela preposição. Nessa indecisão de como temperar, cabe àquele que come saber se vai colocar ou se vai se dirigir, se vai designar uma ação ou se vai agir, se vai comer ou apresentar uma situação, se vai dar ou se vai apresentar um estado, se vai colocar ou se vai de comer ou se vai abrir para que outro coma. Então, por uma comida é ao mesmo tempo colocar, botar, dar e/ou de conectar, de ligar, de dizer ou falar sobre, até mesmo de direcionar à mesa ou ao tempo de comer; uma vez que, entre o verbo e a preposição, devemos pensar o tempo, o tempo de decidir, o tempo da fome, o tempo de preparo, o tempo da espera, o tempo que vem antes e depois de comer. Portanto, é preciso comer para crer.

Em quase todas as sociedades do planeta, muitas vezes, a comida está marcada pela questão do sagrado ou, pelo menos, situada em um ritual. Por essa razão, pensamos nela no contexto do encantamento. Mas, parece que esse encantamento se dilui quando a questão é a fome. Dando de comer de forma diferente, a comida é encantada quando se come, mas quando alguém passa fome, o encantamento se transforma em uma questão moral; e, se o outro passa fome, dizem os reacionários, é mais por uma questão criada pelo próprio indivíduo, do que uma questão maior, digamos política. Nesse sentido, o profano, o sagrador é aquele que não batalha para buscar o alimento, enquanto aquele que "assiste" quem tem fome, dorme e come com a alma tranquila, uma vez que está com suas obrigações em dia ou, até mesmo, promova ações de caridade alimentando sua culpa burguesa cristã. Por esse motivo, queremos pensar uma relação do comer que seja atravessada pela questão da incondicionalidade do outro, daquele que chega para comer, daquele que dá de comer sem perguntar o nome, daquele que come sem saber se vai ficar para a próxima refeição, daquilo que se come, daquilo onde se come. Para pensarmos o comer enquanto uma experiência de

liberdade, uma potência na maneira de se viver, é preciso pensar que é preciso comer bem. E, para comer bem, devemos considerar que há uma ética do comer bem, que não seja regulada pelos dispositivos cristãos, burgueses e jurídicos.

Aumentando o fogo, com o risco de queimar, talvez, não seja possível a liberdade onde haja fome. A liberdade não existe quando se priva alguém ou uma sociedade de comer ou, até mesmo, condena-a a comer mal. Se há uma liberdade diante dessas condições, que seja a liberdade de tomar as terras não-produtivas, que seja compartilhar a produção com os outros. Essas e outras práticas de desobediência são as mais fortes expressões da experiência da liberdade com o comer bem. É necessário considerar que há uma reprodução da violência na questão do comer. Impossibilitar que outros comam, dar de comer aquilo que não é bom, não é saudável, aquilo que faz mal, como única opção, não permitir uma variedade de experiências de comer; quando se impõe o comer ou se come à força, violentando àquele que não quer comer ou dar de comer; em todas essas e muitas outras situações, estamos impedindo o outro de ser livre, de experimentar a liberdade de comer. Porém, existem outras experiências em que a recusa do comer é uma forma de reprodução da potência da liberdade, como a greve de fome, como o jejum religioso; fome de viver; fome de bola; fome de rua; como saber esperar para comer; aguardar até estar no ponto; esperar cozinhar; ou, como o artista da fome de Kafka, que ainda não encontrou o alimento que lhe agrada.

A fome, a produção da fome, deixar o outro à fome, é a maior prática de violência contra a ética do comer bem. Na luta contra a fome, na busca contra a fome, éticas surgem para além da moral, que não podem ser questionadas, uma vez que se luta contra a fome, contra morrer de fome. Nessas éticas, tudo é possível, transformar o lixo em comida, roubar para comer, pedir para comer, aceitar o que se oferece, que muitas vezes vem temperado muito mais com a culpa cristã, buscando um lugarzinho ao céu, do que com o dar de forma incondicional; pode se tornar uma luta diária contra o tempo, contra o tempo do estragar, contra a velocidade contrária de um rato que sobe a panela ou de vermes que sobem as pernas, é proteger o que há na panela, proteger o que vai comer, com unhas e dentes. É dominar uma ética da economia em que é preciso alimentar mais de um, mais de dois, mais de três, mais de quatro, mais de cinco, mais de seis, mais de sete, mais de oito; uma economia na qual a



distribuição do alimento dentro de casa se dá conforme a idade, o peso, o gênero; quando já não há dinheiro em casa, quando a comida no mercado não cabe no bolso.

Essas violências do comer impedem o comer bem, mas promovem invenções éticas de sobrevivência que buscam sempre a liberdade e o viver bem, por mais que seja da ordem do difícil, às vezes, do impossível. É trabalhar o dia todo embaixo do sol, vendendo o almoço para pagar a janta. É comer do lixo, comer no lixo. É tentar fazer dessa experiência, por mais horrível que seja, que seja, pelo menos, libertadora, já que não é possível ser livre sem comer. Então, deixar ao outro a possibilidade de comer é a condição da realização dessa experiência do encantamento. Assim, podemos dar ao outro o que comer, e, na lógica do dar, também está o do por, de por um padê na mata, por uma padê na encruza, por frutas, por comidas. A lógica do por, do por também, se coloca no intuito de oferecer, de dar, sem impor condições; de oferecer a alguém, mas possibilitando que qualquer um coma. Na ética do por, é a experiência do deixar, deixar para quem quer, para quem precisa, sem exigir condições, sem colocar regras do chegar, do comer. É nessas horas que invocamos a ética do deixa de Leci Brandão. Come quem chega, essa é a ética do por, do por na mata, do por na encruza, por na praia, por na cachoeira, seja a comida para Exu ou para Oxóssi, para Oxum ou para Iemanjá. O por não espera ninguém. Ela está aberta a qualquer um que chega para comer. Não é à toa que Exu, quando ganha um gato preto, não quer comer sozinho, e chama seus amigos para comer um pedacinho. Diante disso, aclamamos por uma ética de por na rua, na casa, no trabalho, na escola, para vivenciarmos a experiência do comer bem.

2. A ética do comer bem e a hospitalidade

A experiência do comer não pode estar desvinculada da questão topológica. Temos, também, que pensar onde se come, onde se dá de comer, onde por. A experiência do comer passa por muitos espaços, alguns deles oficialmente encantados. Mas se pensarmos a experiência do comer como algo encantado, temos que considerar que todo lugar, onde se come, é um lugar encantado. Sendo assim, seja na mesa, seja no altar, seja no chão, seja em pé, seja no banquinho, seja na cama, seja no sofá, seja na escada, seja na rua, no ônibus, na barca, no trem, no carro, no *drive-in*, no parque, na pracinha, no samba, na igreja, no baile, na

praia, no terreiro, no restaurante, na feira, no fundo do quintal, na cozinha, no motel, no cinema, na mata, na encruza ou até mesmo andando; o comer enquanto uma experiência de liberdade só é possível considerando que se come ou se dá de comer a partir de algum lugar. Então, se o espaço é uma questão filosófica, e sempre se come e se dá de comer a partir de algum lugar, vamos tentar aprontar esse alimento para oferecer e comer a partir de certos lugares, principalmente, da casa, da rua, do samba e do terreiro.

A questão do lugar acaba nos trazendo muitas questões, como as do acolhimento, da hospitalidade, do saber chegar, do saber sair, do estrangeiro, do visitante, do hóspede, do hospedeiro, do convidado, do invasor, do imigrante, do refugiado, do penetra e muitas outras situações que passam pela questão de saber comer ou de dar de comer. Essas fazem do lugar, do território e do local, espaços que exigem reflexões muito mais complexas e profundas. Cabe lembrar que uma das questões mais importantes de Jacques Derrida é sobre a hospitalidade. Talvez, ela seja a grande questão para pensar a violência do pensamento e das práticas ocidentais. Lembrando que, em Derrida, a questão da hospitalidade transborda o lugar ou os limites da casa, do país, do Estado-Nação. Aquele que chega para comer ou aquele que vai dar de comer é sempre marcado pelo signo de alguma condicionalidade. Ninguém dá de comer ou vai comer sem alguma condição, sem alguma intenção ou sem esperar alguma coisa. Nesse sentido, se há uma relação de incondicionalidade na ética do comer, não sabemos bem se é possível afirmar; talvez, seja a própria impossibilidade da incondicionalidade da ética de comer que possibilita que pensemos outras formas de comer bem, de comer e não passar mal, de comer e gostar, de comer e estar feliz, se sentir livre, de ter prazer, de gozar ao comer.

Em um país em que a maior parte da população não faz o mínimo de três refeições por dia, quando é possível fazer uma graça, caprichar um pouco mais na refeição, a sensibilidade de ser mais humano, mais que humano, de se sentir livre, é uma experiência que abre para uma esperança de que amanhã vai ser melhor. Então, seja no pão na chapa com um pingado na Central, um francês com refrigerante no final da tarde, e até o lanche da madrugada, o padrão ou o feijão gelado, por mais que não sejam experiências nutritivas de um comer bem,



são experiências que ampliam o alcance de colocar uma ética em movimento, uma vez que se está sempre comendo, lembrando que às vezes se come na porrada.

A ética do comer está ligada a uma ética do tesão, do prazer, da satisfação, do orgasmo, da felicidade e do amar, o que não descarta, na verdade, que ela esteja sempre espectralizada pela tristeza, pela decepção, etc. Na experiência do comer bem, é preciso entender e experimentar os limites, os limites do comer, do dar de comer, do tempero. A ética do comer bem, que consiste, também, em dar de comer, procura pensar as potências transformadoras, nutricionais do alimentar; buscando, nesses temperos, relações que fortaleçam muito mais do que enfraqueçam; que libertem, muito mais do que aprisionem; que acolham, muito mais do que rejeitem; que alimentem, muito mais do que desnutram. Diante disso, da impossibilidade de condicionar o comer, de limitar, de por regras e limites àquele que come, que dá de comer e comer se confundem, uma vez que dar de comer passa pela possibilidade de estar comendo. Assim, comer e dar de comer é a mesma condição paradoxal numa ética do comer bem. Cozinhando de outra forma, comer é dar de comer, e dar de comer uma possibilidade de estar comendo, até porque, quem come quem?

Sabemos o risco de o convidado nos fazer refém ou do anfitrião transformar o hóspede em refém. Na lógica do acolhimento, do receber para comer, muitas possibilidades se abrem, muitos acontecimentos são possíveis, inclusive de não comer ou de ter que comer para sempre. Mas, Sísifo precisa ser feliz. Na relação parasitária, aquele que chega pode não querer mais sair; mas, também, o hospedeiro pode acabar por criar uma relação com o parasita, em que ambos se alimentam, ambos se fortalecem. Se essa relação for pensada a partir de uma ética do comer bem, pode ser que, na relação entre hóspede e hospedeiro, na relação parasitária, precisemos repensar a ética parasita como uma outra possibilidade da experiência da liberdade e do encantamento. Porém, não estamos aqui pensando em termos de uma transgressão absoluta; mas, sim, que a experiência do comer bem, como uma experiência do encantamento, consiste em saber e conhecer os limites, saborear a paisagem que aponta a limitrofia da relação do comer bem. Por essa razão, alimentar faz parte do conhecer os limites, vivenciar os limites; uma vez que faz parte do comer, do estar comendo, todo o processo do comer, antes e depois de comer, não é comer e cagar, comer e gozar.

Botando tudo, na mesa, no prato, para dentro, nada deve escapar, não deve ser desperdiçado. Em muitos sentidos e por muitas razões, o desperdício não está alinhado com a lógica do comer bem. Estamira, de dentro Lixão, nos ensina isso. Pelo contrário, o desperdício, jogar fora só alimenta a fome, vai num sentido, no contrafluxo, alimentando a mentalidade colonial regida pelo capitalismo e o neoliberalismo. Contra a lógica colonial do desperdício, a ética do comer bem exorciza o espectro da fome reproduzido pelos amigos da ordem e da humanidade, uma vez que é em nome de uma suposta vida, de um tipo de vida, que não me importo com os famintos da Terra. Por essa razão alimentar, que pensamos o encantamento de uma ética do comer bem, de deixar comer, de deixar viver, de uma vida em que haja fartura, que não se reproduza a fome, a desigualdade no comer.

3. Comer enquanto encantamento

Na lógica do encantamento, o comer bem, que considera as mais variadas formas de comer, que tem o toque como movimento crucial no comer, na forma como pega no talher, na forma como pega na comida, como pega na carne, como pega na pele, como pega, como sente; sem julgamento moral, mas, no intuito de alcançar o segredo, o segredo desse encantamento, do porquê comer; comer bem é sentir que os dedos sentem sabor, já dizia Jorge Aragão. Desta maneira, o porquê de comer pode estar no âmbito do segredo; por isso e tantos outros motivos, se come em segredo, “quem vai saber?” Porém, como ou não como, sem querer operar através de julgamentos morais, acreditamos, por outro lado, que devemos deixar o outro comer. Além disso, nessa ética do deixa, comer o que não se deve nem sempre é comer mal. Pode-se até comer, e sair satisfeito, mas sempre estar pronto para lidar com os espectros e reviravoltas que surgem depois de comer, já que o comer não se inicia e se encerra com abrir e fechar os trabalhos.

O comer é anterior e posterior, acontece antes, durante e depois, é um processo contínuo, uma experiência contínua da liberdade de estar comendo; se dá a partir da vontade de comer, do desejo de comer, de planejar e de preparar o que vai comer. Nesse sentido, é preciso saber como o outro lida com isso, porque posso querer comer e interromper ou comer



e querer esse processo do comer, da mesma maneira que o outro pode querer dar de comer enquanto um processo e o outro não aceitar. Além disso, pode haver o caso de o outro querer dar de comer, mas sem o processo de continuidade dessa prática de comer. O comer seja ele contínuo, um processo de uma prática, ele precisa saber que está dentro de um jogo de relação, que o comer ou dar de comer exige sempre a relação com o outro, que vai para além daquilo que é dado, por mais que já se tenha dado bem antes de começar o jogo. Talvez, muito mais que uma questão ética, comer bem seja uma questão de teoria do conhecimento, visto que comer bem exige conhecer o outro.

Mas quem come? Quem é esse outro que recebe? Quem é esse que dá de comer? Quem tem para dar? O que se come? Quem se come? Quem come? O que é comer? Como se come? O que alimenta? Qual o limite em que dar de comer já não é apenas comer? Onde comer é estar sendo comido? Ora, sabemos todos os mitos e exageros acerca da questão de comer o outro no contexto das sociedades não-ocidentais que produziram os maiores racismos e etnocentrismos da história. No entanto, a questão de comer, até mesmo de comer o outro sempre foi reduzida ao canibalismo, ao antropofagismo, mas nunca se considerou que comer o outro passa pela questão do sagrado, do respeito, sendo, portanto, uma experiência de encantamento.

É preciso promover alguns deslocamentos a que somos conduzidos, devido a uma força que nos move. Se há uma contradição, se há sempre um limite que nos confunde, é porque há um desejo, há uma força que nos move, que não nos permite ficar estagnado, sedentário. Diante disso, compreender um certo deslocamento de alguns pares que se confundem, que se contaminam, é essencial, como no caso de uma certa postura de compreensão em que se pensa e se entende, no que diz respeito ao comer, o passivo e o ativo. Ao deslocarmos a estrutura que mantém esse binômio, desmontando a hierarquia que sustenta essa dicotomia a partir de uma lógica do valor, na qual um elemento ou uma postura seria mais importante, melhor ou mais valorizada do que a outra, é possível, então, confundir o que se entende por comer, ser comido ou dar de comer. Não é sem razão que o discurso acerca do ato de comer pode ser entendido como a manifestação ou a afirmação do poder. Assim, entendemos a boca como o lugar que recebe, tal como os olhos, o ouvido, etc. Isso que se recebe pode ser entendido como o fenômeno, mas, também, como a coisa mesma. Então,

podemos pensar, inclusive, que todo lugar de apreensão do outro, considerando assim que comer é uma questão de alteridade, porque o outro é tudo aquilo que não sou eu, é um lugar ativo, uma vez que esse lugar aceita ou rejeita. Diante disso, podemos radicalizar, entendendo que aquilo que comemos, ao entrar, ao chegar, ao ser recebido, continua se manifestando constantemente, produzindo múltiplas atividades orgânicas. Nesse sentido, considerando todos esses movimentos, é possível desconstruir a hierarquia entre ativo e passivo em relação a quem come ou quem dá de comer.

A ética do comer bem não opera na lógica do comer sozinho; o egoísta, o olhão, o fura olho, o mãozinha, o pidão, pode até chegar, mas será que come bem? Será que a comida cai bem? Na correria das grandes cidades, onde se come em 5 minutos para dormir os outros 55 da hora do almoço; quando já não tem os 60, 5 minutos perde o seu encantamento. Na violência do fazer comer, do comer mal, comer andando, comer em pé, comer por comer, comer de qualquer jeito, comer o que não quer, somente para comer, faz do comer uma experiência do aprisionamento, do enfraquecimento, tanto do espírito quanto do corpo. A lógica do mercado, a lógica neoliberal, que promove a fome no mundo, também promove a prática de comer mal, a saber, os *fastfood* da vida. O comer mal produz uma sociedade em que comer perde o seu encantamento. Promove um tempo que faz do comer apenas um comer, um comer cronológico, fisiológico; que não permite o tempo da experiência, da vivência em comer.

Comer bem, enquanto uma experiência ética da liberdade, compreende sempre uma relação com o outro, seja ele Deus, seja ele o outro de si, o livro que se lê, a paisagem que se devora, a reunião com os amigos. Comer bem tem uma relação com a amizade, sempre se come com aquele que te faz bem. Comer bem não é no sentido de escolher, tal como num *selfservice*, mas no sentido de que a comida te escolhe. Pode não se dar de comer para aquele que não merece comer? A comida, mesmo quando se come com vontade, com fome ou com desejo, é preciso considerar que ela tem uma relação com o alimentar bem, com o cair bem. Em tempos de *ifood*, em tempos de *uber* entregas, ao mesmo tempo em que se capitaliza ainda mais a comida, criando toda uma uberização da vida, o comer, permite que outras relações aconteçam, fazendo que a relação da distância em relação ao comer se torne outra



experiência, mas que experiências são essas? Essas experiências passam pelo encantamento? São encantadas?

Quem está comendo come com os olhos, come com as mãos, com o talher, com a imaginação. Quando dá de comer, quando bota a comida, há uma relação direta de alteridade. Aquele que for por a comida, acolher aquele que recebe. Pode-se por devagar, por com calma, nada acelerado, nada no desespero, nada pode indicar uma falta de experiência com a ética de comer e de dar de comer e por comer, a não ser, é claro, se está na fase de aprendizado, de formação ética do comer bem, na qual corre-se o risco de destruir o encantamento. Se for para colocar, que se coloque com calma; mas, na relação de comer e dar de comer, aquele que por participa do ritual do encantamento da experiência do comer bem.

Nessa comilança, onde uns comem demais e outros comem de menos, ou não têm o que comer, as produções de sentidos derivadas dos desejos, das provocações, das vontades, das ilusões, das aparências, se confundem e produzem uma atmosfera do comer, em que em toda a cidade só se pensa em comer, tudo se come. Em cada rua, em cada esquina, em cada lugar, se pode comer; nas grandes cidades, nas cidades pequenas, nas favelas, nos subúrbios, nas praias, poucos são os espaços onde não se come ou não se pode comer. Sempre tem um jeitinho, mas nossa questão é comer bem. Assim, mesmo dando repeteco, esperando clarear, como diz Zeca, Arlindo, Sombrinha e Marquinho PQD, quem quer madrugar conhece o caminho, encontra um jeitinho, tem sempre um lugar. E desses sentidos e jeitinhos produzidos, há toda uma estética, um estilo, um movimento que faz do comer bem uma paisagem, que se quer devorar com os olhos. Nesse sentido, comer com os olhos é também comer. Alguns olhos são famintos, uns por fome outros por desejos, outros não provocam tanto, não entregam o jogo; mas aquele que dá de comer, que se propõe a oferecer, que se propõe a por ao outro o que coma, de servir ao outro, não pela condicionalidade, mas pela ética de acolher quem chega. Espera-se, sempre, o resultado depois de comer, aquele olhar de satisfação depois de comer.

Nesse mundo do comer, com bocas e olhos, onde alguns querem comer geral, outros querem comer quietinhos, outros querem apenas comer a si mesmo, processo louco de uma antropofagia narcísica, algumas regras são estabelecidas. Às vezes, não podemos comer o que é dos outros. Mas, se no jogo da metadinha, o outro se atrasa, ele perde e tem que dividir com

os amigos. Comer com os amigos, ou com os inimigos, é sempre um ritual que promove relações que permitem rever as negociações do comer bem. É nesse momento que o olhão, que o comedor corre o risco, pois ser egoísta, na lógica do comer bem, é a única regra que talvez não possa ser quebrada, uma vez que esconder a comida, comer sozinho, deixar o outro sem comer, fere a ética de comer bem: será mesmo possível que se possa comer bem enquanto o outro não come?

Desde os grandes mitos da antiguidade, por exemplo, gregos ou yorubanos, o comer estava associado diretamente à relação com o outro. Além disso, os grandes tratados éticos da antiguidade já traziam a questão de uma ética do comer, de se comportar à mesa. Talvez seja a casa o primeiro lugar em que aprendemos a comer, aprendemos os modos, aprendemos a comer juntos e, principalmente, que não se deve comer na rua. Essa última lição, heranças kantianas. A importância de todo o processo de comer passa por muitas questões que abalam e misturam uma suposta ordem das coisas, da violência do lugar à condição de trabalho. Comer em casa reúne todo um universo do comer cujas potências e fraquezas são difíceis de dimensionar. A relação de comer em casa, de prender pela barriga, de ter alguém quem te sirva, de ter que colocar comida em casa, de não sair da cozinha, de não entrar na cozinha, todas essas relações provocam uma confusão no que diz respeito a entender seus limites, uma vez que sempre se conserva alguma condição que é estabelecida pela história, pela conveniência, etc. Porém, ao mesmo tempo que a casa é o lugar do refúgio, em que supostamente se come bem; pode ser o lugar do cárcere, pode ser o lugar em que se come mal, no qual aquele que come ou que se dá de comer se torna refém do comer mal. É nesse sentido, que Maria Mulambo come na rua, come na encruzilhada, mas na boca de quem não presta pombagira é vagabunda. Alguns dizem que ela não vale nada, outros dizem que ela é mulher da rua. É nesse sentido que, no contexto da família burguesa, que limita o espaço da mulher ao espaço da casa, Silvia Federici coloca a questão acerca da vida doméstica não ser considerada trabalho. Assim, nas contradições que se estabelecem, se trancar na cozinha ou demorar a voltar para casa são também práticas dessa experiência na busca da liberdade e de luta política. Lélia Gonzalez nos traz toda a questão racial e de gênero que marca esse espaço da cozinha que se repete e se reproduz ainda hoje da lógica colonial à lógica do capital. Cabe



lembrar que a lógica do poder colonial ocidental, que estabelece lugares, impõe a mulher o lugar da cozinha, mas nunca a deixa ser a referência quando o assunto é culinária. Quando se fala de cozinha em um sentido que seria mais profissional ou aparentemente mais sofisticado, a referência são quase sempre os homens, os chefes de cozinha.

Sabemos da questão temporal na ética do comer bem. Às vezes, se come devagar; outras vezes mais rápido. Tudo depende da fome e do tempo que resta. Mas, na hora do preparo, é também preciso considerar essa temporalidade, pensar no tempo que é necessário para cozinhar, para não comer cru; por mais que saibamos da lógica do cru e cozido no pensamento de Lévi-Strauss que implica em muitos problemas. O tempo de cozinhar, por mais que se tempere com gostos e sabores de liberdade, a hora da refeição sempre chega. Isso quando se tem o que comer, isso quando não se come sem ter fome.

O tempo da casa pode ser regido por muitos tempos do cozinhar, desde a comida instantânea até o assar por horas no forno. Desta maneira, a casa pode ser sempre o lugar aporético em que nos encontramos entre a liberdade e a prisão, entre o comer bem e o comer mal. Além, é claro, de sempre se estar aberto a comer na casa do outro. Sempre há aquela fuga, no almoço, na janta ou na madrugada. A ética de comer na casa do outro invoca a Lei da Hospitalidade, que deve reger a Lei do comer bem. Comer na casa dos outros, que não deixa de ser uma forma de comer fora da casa, mas dentro da casa, convoca uma lei, segundo a qual, só se come na casa dos outros, se se é convidado. Sabemos que algumas experiências da ética do comer bem rompem com essa barreira da condicionalidade. Aquele que chega, chega chegando, quase sempre quando a comida está saindo. Na ética do comer bem, a casa do outro também é o lugar em que este recebe aquele que chega, até mesmo, aquele que sempre chega na hora da comida. Sendo um espaço que pode acolher o de fora, a casa é, também, o lugar onde pode se dar de comer, oferecer ao outro, aquele que chega, a possibilidade de experimentar a liberdade de comer bem. Bem-aventurados são aqueles que recebem em casa para comer.

Às vezes, a fuga está num suposto fora, num outro lugar, na rua. Porém, quem pode comer na rua? E quando só tem a rua? E quando a rua não é uma opção? Estamos falando da questão real da possibilidade de sair, de ir para rua, por mais que não tenhamos lugar nenhum para ir. A rua é o risco. Mas, no retorno para casa, há sempre a possibilidade de uma ameaça

iminente, seja porque comeu mal na rua, ou seja porque retorna à condição de comer mal em casa. Mas quem é de comer na rua dificilmente se contenta em comer em casa. E é nas andanças, no caminho entre a casa e o trabalho, que se come na rua. Talvez, comer na rua pareça a maior possibilidade da experiência de comer bem; porém, pode ser o espaço onde mais se corre o risco de comer mal, por mais que se esteja sempre comendo. Assim, seja no restaurante, no bar, na barraquinha, embaixo da marquise, na estação de trem ou no beco, comer na rua é sempre estar aberto a inúmeras possibilidades, é estar lançado radicalmente ao que se chega, ao inesperado. Então, com ou sem proteção, no limpo ou no sujo, nunca podemos saber realmente a condição de se estar comendo realmente bem. Comer na rua nos exige estar sempre alerta, pois nunca sabemos no que vai dar. No resultado durante e depois de comer, sempre há uma surpresa.

Na questão espacial do comer, nos espaços e nas práticas encantadas do comer, a experiência de comer e de dar de comer, se dimensiona ao dar de comer à Deus ou aos deuses, até àqueles que chegam. Porém, a lógica da condicionalidade e da incondicionalidade se repete de muitas maneiras, na qual comer, ou dar de comer, não é tão simples. Quando você oferta a uma divindade, seja seu próprio filho, o que o tornaria um assassino em potencial, ou seja um bode no lugar, está oferecendo, sacrificando, dando de comer a outro, um outro que pode também recusar ou não ficar satisfeito, mas também pode pedir mais. Nessa relação de dar de comer, a espera de uma manifestação daquele que come, muitas vezes, se dá naquele processo que só o tempo dirá. Mas quem é esse que dá de comer? No candomblé de Ketu, o axogum tem que saber acolher aquele que chega para o sacrifício, tem que preparar a casa para aquele que vai receber o sacrifício, aquele que vai comer. Nesse sentido, o comer e o dar de comer passa pelo intermediário, como na casa por aquele que cozinha. O cozinheiro é aquele que prepara. Sendo assim, a própria prática de preparar para comer, ou de preparar para dar de comer, tem que ser pensada nessa lógica da experiência do comer bem, visto que aquele que prepara a comilança pode interferir bastante no processo de comer. Então, perto de quem come e longe de quem trabalha.

Esse momento, que se reproduz dentro de um espaço, nos conduz a pensar ainda mais a relação do comer com o lugar, como o próprio lugar da cozinha. Para além da família



nuclear, configurada no nome do pai, do filho e da mãe, na mesa posta por quem lhes serve; a partir do alimento que Andrelino Campos nos serve, podemos pensar uma concepção de família expansiva, que acolhe como filhos, sobrinhos, aqueles que chegam para a festa, para o samba, para o almoço. A tia é tia de todos, e essa tia que é tia de todos, apresenta um outro cenário do poder, deslocando o cenário político e ético, fazendo da cozinha o lugar das decisões. Diz uma lenda que a orixá Iansã acolhendo em casa seu marido o orixá Ogum no retorno de uma batalha, sabendo que ele estava para perder uma guerra, resolveu ir para a cozinha. Ao mesmo tempo em que preparava o alimento para o seu marido, Iansã preparava também a sua estratégia de guerra. Iansã preparou acaçás, uma massa de milho branca enrolada na folha de bananeira, para enviar aos inimigos de Ogum, que, ao recebê-los pelo rio, acreditavam que recebiam oferendas dos deuses; que o alimento, que aquilo que iriam comer fosse ofertas e um sinal de que venceriam a guerra. Porém, Iansã envenenou os acaçás, e os inimigos de Ogum morreram e perderam a guerra. Nesse sentido, o espaço da cozinha foi o espaço por excelência para a decisão de uma guerra. Dizem que muitas mulheres negras africanas escravizadas envenenavam os escravizadores. Assim, se a cozinha pode ser o espaço da submissão, também pode ser o espaço onde se inicia uma revolução.

4. Festas do comer bem

É sabido que a questão de alimentar o Espírito é muito presente quando pensamos a questão do comer com a religião, com o místico. Alimentar o espírito, seja o espírito do outro, ou seja o próprio espírito, dar de comer ao espírito, não vem separado de alimentar um certo tipo de corpo ou o corpo propriamente. Estamos pensando aqui na impossibilidade de se separar espírito de corpo. Ao alimentarmos o espírito, ao dar de comer ao espírito, estamos dando de comer ao corpo. O corpo come, o espírito se alimenta, todos estão comendo. Mas, na ética do comer bem, como em toda ética, é oportuno considerar os limites. É dentro dos limites que a ética acontece. Portanto, sem pensar diretamente na questão moral, não estamos certos se a gula é o grande pecado capital. Acreditamos que, na ética do comer bem, o grande pecado seria não dividir o pão. Porém, uma questão nos aparece, é possível dividir o pão sem colocar condições? Se coloco condições àquele que chega para comer, essa ética do comer

bem se encontra ameaçada. Nesse sentido, é necessário pensar uma maneira em que todos possam comer bem, que possam se fartar, mas sem negar ao outro, sem recusar o outro, sem deixar que o outro passe fome. Assim, é no Olubajé, festa do orixá Obaluaiê, que podemos encontrar a fartura incondicional de deixar o outro comer. É preciso que o outro coma, que todos comam, que se chegue e se coma, que se dê de comer sem colocar restrições ou condições. A riqueza do Olubajé não está só na variedade das comidas, quando todas as comidas são ofertadas aos orixás e aos que chegam, mas na experiência de todos comerem juntos, de comerem no chão, de comerem com a mão. O Olubajé é a experiência ética da liberdade do comer bem.

Guiados pelos sons do atabaque, o samba, por exemplo, é uma prática filosófica por excelência, nós já sabemos desde “O mito e espiritualidade” de Helena Theodoro até os textos produzidos na organização do “Sambo logo Penso”. Sabemos que sambo logo penso; que, cantando e dançando, podemos também estar produzindo filosofia. Para isso, basta escutarmos Cartola, Leci, Dona Ivone, Noel, Bezerra; basta admirarmos a dança filosófica de Delegado, Dona Dodô, Chiquinho, Maria Helena, Tia Eulália, no miudinho da Tia Eunice e do Bira Presidente; basta escutarmos a Furacão Vermelho e Branco no comando do Mestre Ciça; e de muitos outros e outras do samba. Os sambas sempre invocaram a questão do comer. Tanto Leci Brandão quando Jovelina, Zeca Pagodinho e Paulinho da Viola não deixaram de falar da comida, do comer ou do lugar de comer. Tal como falamos antes, o espaço, o lugar, é sempre encantado; então, seja na quadra de samba, na esquina, na favela, no terreiro ou no fundo do quintal, comer no samba é uma possível experiência dessa liberdade que é comer bem. Muitas vezes, a gente associa o samba à comida, mas os sambas, quando trazem a comida em suas letras, nos levam a pensar, pela arte, a experimentação da liberdade da ética do comer.

O samba é a manifestação radical dessa experiência da liberdade do comer bem. A reunião de um grupo, o cantar, o dançar, o acolhimento, o comer e o dar de comer são movimentos dessa ética do comer bem que podemos pensar como uma questão filosófica. Sempre acompanhada com cerveja, cachaça ou caipirinha, sem medo do conflito que invoca nossas ancestralidades e heranças africanas e indígenas. No entanto, o samba não se resume à



feijoada; o cardápio que acompanha o samba, das rodas às letras, das cozinhas aos estômagos, é a mais rica experiência ética do comer, que consiste em receber e dar o cabrito, o angu com rabada, caruru, vatapá, carne assada, sardinha frita, camarão com chuchu, o jiló, o macarrão, o peixe, o churrasco e, até mocotó com pimenta, que faz suar, dá moleza no corpo e faz deitar, mas quem está muito fraco não aguenta. Enfim, a condição de sustância, de alimentar o corpo-alma, para manter a roda até o final, é possibilitada por inúmeras formas de comer e do que comer, e bota dendê. É claro que sempre há o risco, o risco do conflito, do mal-entendido, do olhar errado, do pisar torto, de não comer bem, de cair mal, de passar do ponto, de salgar, de beber demais. Muitos podem apreender como uma experiência antropológica, mas queremos mostrar essa experiência como uma experiência filosófica da liberdade da ética de comer. Mesmo que você chegue no pagode e acabou a comida, acabou a bebida; às vezes, sobra o bagaço da laranja, e até para comer o bagaço da laranja, é preciso uma ética do comer.

Cantar pra subir

Para encerrar os trabalhos e lavar a louça, o comer enquanto uma questão filosófica, o comer bem como uma ética da liberdade, perpassa e constrói outros modos de se relacionar e pensar a alteridade. Diante disso, dos mitos às políticas públicas, da comida de casa à comida da rua, da comida batizada à comida industrializada, do comer por prazer ao comer por obrigação, pensar o comer exige muito mais uma reflexão filosófica do que imaginamos até os dias de hoje. Se a filosofia nunca se preocupou com a cozinha, é porque esse cenário era formado de uma paisagem na qual a cozinha e aquele que a habita não são tão importantes, ocupam lugares menores, secundários, sem importância. Porém, uma desconstrução da colonialidade pode promover, ao pensar a cozinha, o comer, aquele que cozinha e, também, quem come e que dá de comer, os deslocamentos das hierarquias e essas configurações excludentes mais evidentes nessas relações e espaços. Desta maneira, o cheiro que vem da cozinha vem mais forte, vem temperado filosoficamente, e aquele que se alimenta passa a produzir uma filosofia mais nutritiva, mais saborosa, mais consistente, até porque, saco vazio não para em pé; e filosofar, com a barriga vazia ou comendo mal, é filosofar a partir de um



pensamento, de uma razão que não teria vínculo com o resto do corpo. Assim, para pensar forte é preciso comer bem.

Referências

- BITETI, Mariane de Oliveira; MORAES, Marcelo José Derzi. Vidas e Saberes Periféricos como Potências Transgressoras. In. **Tlali Revista de Geografia**. 2019.
- BITETI, Mariane de Oliveira. Mulheres e Política do Cuidado em tempos de COVID-19. **Revista Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 5, nº 10, p. 81-87, julho de 2020.
- Borges-Rosario, Fábio; MORAES, Marcelo José Derzi; HADDOCK-LOBO, Rafael. (org.). **Encruzilhadas Filosóficas**. Coleção X. Rio de Janeiro: Ape'ku, 2020.
- CAMPOS, Andreilino. Do quilombo à favela. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2012.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução: Nôemia de Souza. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- DERRIDA, Jacques. Il faut bien manger ou le calcul du sujet. In: **Points de suspension**. Paris: Galilée, 1992.
- DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**. Tradução: Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- DERRIDA, Jacques.. **Margens da Filosofia**. Tradução: Joaquim Costa e Antonio Magalhães. São Paulo: Ed. Rés, 1991.
- FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**.. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Educadores de rua: uma abordagem crítica**. Bogotá: Editorial Gente Nueva, 1989.
- HADDOCK-LOBO, Rafael. **Fantasmas da colônia**. Rio de Janeiro: Editora Ape'Ku, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**. Diáspora africana: Editora filhos da África, 2018.
- MORAES, Marcelo José Derzi. **Democracias espectrais: por uma desconstrução da colonialidade**. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2020.
- NEGRIS, Adriano. Pode o animal falar? In. **Revista de Filosofia SEAF**, Ano: 12. N. 12, 2014.
- NOYAMA, Samon. (org). **Gingar, filosofar, resistir: ensaios para transver o mundo**. Curitiba: CRV, 2020.



SANTOS, Maria Moura dos. **Mística dos Encantados**. Trairi CE: Editora Edições e Publicações, 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra Regina G. Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SILVA, Wallace Lopes. **Sambo logo penso**. Rio de Janeiro: Editora Hexis, 2015.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. Espectros e monstros inumanos: Jean Genet em Glas de Derrida. In: **Revista latinoamericana del Colegio Internacional de Filosofía · Revista latinoamericana do colégio internacional de filosofia**. Número especial. Dezembro de 2019. p. 227 – 243. Disponível em: <http://www.revistalatinoamericana-ciph.org/wp-content/uploads/2020/02/nu%CC%81meroespecialcompletoRLCIF.pdf> Acesso em Dezembro de 2021.

THEODORO, Helena. **O mito e espiritualidade**. Mulheres negras. Rio de Janeiro: Pallas, 1996.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 06 de dezembro de 2021.

Artigo aprovado para publicação em: 08 de dezembro de 2021.